

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lígia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

CASTRO DE GUIFÕES: ELEMENTOS PARA A RECONSTITUIÇÃO PALEOGEOGRÁFICA E COMPREENSÃO DA OCUPAÇÃO ANTIGA DO SÍTIO

Andreia Arezes¹, Miguel Almeida², Alberto Gomes³, José Varela⁴, Nuno Ramos⁵, André Ferreira⁶, Manuel Sá⁷

RESUMO

Documentada desde meados do I milénio a.C., a ocupação do Castro de Guifões estendia-se até ao antigo estuário do Leça, onde o PIPA GUIFARQ tem procurado clarificar a importância da relação do sítio com o rio e com o Atlântico, atestada pelos materiais arqueológicos e descrita em fontes historiográficas.

Um programa de investigação na intercepção da Arqueologia com a Geomorfologia fluvial contribui para a compreensão da envolvente ambiental daquela ocupação através da modelização digital da área, inspecções geofísicas não-intrusivas e ensaios geotécnicos intrusivos para caracterização geométrica e arquitectural da sequência sedimentar aluvial que bordeja as estruturas arqueológicas na base da vertente.

Os primeiros resultados demonstram a extensão da área edificada para Sul e indiciam diferenças conseqüentes na configuração deste sector recuado do estuário na época da ocupação antiga.

Palavras-chave: Castro de Guifões; Arqueologia; Geomorfologia; Geofísica; Programa transdisciplinar.

ABSTRACT

Documented since the middle of the 1st millennium BC, the occupation of Castro de Guifões extended to the ancient Leça estuary. The GUIFARQ Research Project has sought to clarify the importance of the site's relationship with the river and the Atlantic, attested by archaeological materials and described in historiographic sources.

A research program at the intersection of Archaeology and Fluvial Geomorphology contributes to the understanding of the environmental surroundings of that occupation through digital modelling of the area, non-intrusive geophysical inspections, and intrusive geotechnical tests for geometric and architectural characterization of the alluvial sedimentary sequence that borders the archaeological structures at the base of the slope.

The first results demonstrate the extension of the built-up area to the south and suggest consequent differences in the configuration of this recessed sector of the estuary during the ancient occupation.

Keywords: Castro de Guifões; Archaeology; Geomorphology; Geophysics; Transdisciplinary programme.

1. DCTP - FLUP | CITCEM / andreia.arezes@gmail.com

2. Morph - Geociências, Lda. / miguel.almeida@morph.pt

3. DG - FLUP | CEGOT / atgomes@letras.up.pt

4. Gabinete Municipal de Arqueologia-CMM/ Museu da Memória de Matosinhos / jose.varela@cm-matosinhos.pt

5. Morph - Geociências, Lda. / nuno.ramos@morph.pt manuel.sa@morph.pt

6. Morph - Geociências, Lda. / andre.ferreira@morph.pt /

7. Morph - Geociências, Lda. / manuel.sa@morph.pt

1. INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento geográfico

O Castro de Guifões, também conhecido como Castro do Monte Castêlo, localiza-se na margem esquerda do curso terminal do Rio Leça, na freguesia de Guifões, presentemente integrada administrativamente na União de Freguesias de Guifões, Custóias e Leça do Balio, no concelho de Matosinhos. A estreita ligação com o Leça decorre das especificidades geográficas da sua implantação, na transição entre uma zona aplanada, correspondente à plataforma litoral, onde se situa actualmente a cidade de Matosinhos, com cotas altimétricas em torno dos 18-20 metros, e o relevo marginal, que se ergue de forma acentuada na zona entre o Monte de Sendim e o Monte Branco, atingindo cotas de 55-65 metros de altitude. Esta zona é constituída por rochas granitóides, predominando os granitos de grão médio e grosseiro de duas micas, conhecido habitualmente como “Granito do Porto” (Soares, Araújo & Gomes 2010: p. 19-23). O Castro de Guifões assume-se, assim, como um esporão rochoso dessa zona aplanada, sobranceiro ao Rio Leça, encaixado num local onde este curso de água deixa de correr por um vale profundo, apertado entre escarpas íngremes, e se espraia num estuário amplo que se abre na planície litoral, a cerca de três quilómetros de distância do oceano Atlântico. Este esporão surge encaixado entre duas elevações próximas, separadas do Castro por pequenos vales: o Monte Xisto, a montante, e o Monte Branco, a jusante. Como consequência desta implantação geográfica, o sítio tem, a partir do seu topo, uma excelente posição de domínio visual sobre todo o estuário e curso terminal do Leça e sobre a costa marítima adjacente. Em contrapartida, torna-se muito discreto na paisagem quando observado de fora, nomeadamente a partir da foz deste rio (Fig. 01).

Actualmente todo este espaço geográfico está drasticamente modificado, uma vez que o Castro de Guifões se encontra inserido no interior de uma estrutura logística de grande dimensão: o Porto de Leixões. O antigo estuário do Leça deu lugar às docas desta estrutura portuária, construídas a partir de 1927 por desaterro dos sedimentos aluvionares acumulados no seu antigo leito.

A construção dos acessos ferroviários (em 1932) e rodoviários (em 2008) ao Porto de Leixões levou à destruição das escarpas situadas na margem direita, alterando profundamente a configuração desta

zona. No entanto, sabemos por distintas fontes historiográficas, nomeadamente através dos antigos roteiros de navegação, que até ao século XIX o estuário do Leça formaria uma ampla enseada, acessível à navegação até à Ponte de Guifões, situada na base do Castro (Varela 2013: p. 76). O estudo dos depósitos quaternários, realizado em 1962 por Galopim de Carvalho e António Ribeiro, no âmbito dos trabalhos de construção da doca nº 2 do Porto de Leixões, permitiu comprovar a existência neste segmento do rio de um paleocanal com a profundidade máxima de 27 metros relativamente ao zero hidrográfico, que se prolongaria para montante em direcção ao Monte Castêlo (Carvalho & Ribeiro, 1962, p. 61-63): um estudo que veio assim confirmar os dados historiográficos a respeito da possibilidade da navegação fluvial no troço final do Rio Leça.

Outras mudanças sobrevieram, entretanto, sobre o sítio. A partir de 1970, a acrópole foi também sujeita a um processo de artificialização, através da deposição de grandes aterros, para a construção de um campo de tiro desportivo: o Clube de Caçadores de Matosinhos. O seu aspecto actual não corresponde, assim, ao perfil da elevação antes da colocação destes aterros onde, segundo Joaquim Neves dos Santos, “[...] as muralhas que cercavam todo o vasto planalto eram, em grande parte naturais, formadas pelos rochedos escarpados e muralhas íngremes e dispostas perfeitamente à volta do monte, mais ou menos a meio das suas encostas; as artificiais eram em talude e fortes muros de duas paredes sobrepostas. [...]” (Santos 1955: p. 17). As muralhas assim descritas parecem relacionar-se com a existência, no topo da elevação, de um castelo roqueiro, referido em diversos documentos medievais (Teixeira 2010: p. 216; Barroca 2017: p. 234; 243). Ao longo das encostas, entre o cume e a margem ribeirinha do Leça, são ainda observáveis vestígios de estruturas arqueológicas parcialmente enterradas (Santos 1955: p. 25-26): uma evidência da profusão de construções que permanece por cartografar e caracterizar no sítio.

1.2. O Campo da Ponte de Guifões

Esta designação é usada por Joaquim Neves dos Santos para denominar os campos agricultados localizados entre a base da encosta Poente do Castro de Guifões e a linha que delimita o leito do Rio Leça, derivando o seu nome da existência neste local da antiga Ponte de Guifões, cuja existência é já mencionada em 1258, nas Inquirições de D. Afonso III. A cerca de 300

metros para jusante desta ponte acumulam-se depósitos aluvionares de sedimentos, como consequência das cíclicas cheias que periodicamente afectam este curso de água, formando uma extensa várzea. Anteriormente à construção das docas do Porto de Leixões, o Rio Leça dividia-se na parte terminal do seu curso em dois braços. Junto à margem direita passava o Rio Doce, enquanto na margem esquerda corria o Rio Salgado. Este último era assim designado porque na Preia-Mar recebia o influxo da água salgada marítima que chegava até à Ponte de Guifões. Este fenómeno explica o facto de diversos documentos medievais, produzidos entre os séculos XI e XIV, mencionarem a presença destas “marinhas de sal” (Costa & Cleto 2008: p. 69). No entanto, até ao momento, não foram ainda realizados estudos arqueológicos que apótem informação adicional sobre estas salinas.

1.3. Trabalhos arqueológicos de Joaquim Neves dos Santos na margem esquerda do Leça

Nas proximidades da ponte medieval, na margem ribeirinha, estende-se o local que era tradicionalmente conhecido como a “Praia dos Mouros” (Santos 1963a: p. 6). Nesta antiga praia fluvial, actualmente transformada numa horta, afloravam à superfície abundantes fragmentos de ânforas romanas. Até 1960 esta zona do Campo da Ponte era uma bouça inculta que prolongava a encosta Poente do Castro até à “Praia dos Mouros”. Em 1961 os proprietários decidiram proceder ao seu arroteamento de forma a convertê-la em campos agrícolas. Foi neste quadro que Joaquim Neves dos Santos, que tinha já efectuado pequenas escavações dispersas por vários locais do monte, conseguiu autorização para realizar uma escavação, com vista a estudar as estruturas ali existentes. Esta intervenção decorreu com meios muito limitados durante os anos de 1961 e 1962, abrangendo uma área de cerca de 800 m².

A planta final da zona (Fig. 02), publicada postumamente (Santos, 1995/1996: 22; Varela 2010: p. 143), mostra uma grande densidade de estruturas arqueológicas, com 14 espaços compartimentados, alguns dos quais corresponderão a divisões interiores com pisos preparados em terra batida, enquanto outros, com pavimento lajeado, poderão corresponder a pátios ou espaços de circulação. Algumas destas estruturas possuíam pedras de soleira, marcando as entradas, com sulcos profundos, para a colocação de portas de madeira. Joaquim Neves dos Santos descreve o conjunto de estruturas identificadas

no Campo da Ponte como um “[...] agrupamento de edifícios, de forma quadrada e rectangular, com átrios e calçadas de acesso, situadas na raiz do Castro e voltados para o mar, onde, segundo remotíssima tradição, existiu a lendária Praia dos Mouros [...]” (Santos 1963a: p. 6).

Também segundo o mesmo autor, os pavimentos das construções correspondentes à última fase de ocupação estavam “[...] coberto[s] por camadas mais ou menos espessas de terras com cinzas. Seguindo-se-lhe entulhos provenientes de ruínas e contendo também muitos e variados fragmentos de cerâmica doméstica diversa, bem como tégulas em quantidades apreciáveis [...]” (Santos 1963a: p. 6). No extremo sul deste conjunto de edifícios foi detectada uma pedra reutilizada, com uma suástica gravada (actualmente depositada no Museu da Memória de Matosinhos), cujos quatro braços apresentam as extremidades engrossadas e marcadas com uma covinha. De acordo com Joaquim Neves dos Santos “[...] esta lápide estava encaixada na face interior da parede de um estranho edifício, apenas a 25 cm da face da lareira de tijolo [...]”, sendo que a referida lareira se encontrava “[...] num chão de argamassa endurecida de barro cerâmico e terra [...] composta de tijolos assentes horizontalmente, todos muito queimados pela acção intensiva do fogo [...]” (Santos 1963b, p. 6-7). Observou ainda que alguns dos muros “[...] não tinham os alicerces assentes em chão firme, [...] somente um longo alicerce de cabeço ou de sapata [...] assente no pavimento de terra batida das duas habitações que sacrificou” (Santos 1963b: p.9).

Pode então concluir-se que as estruturas exumadas neste espaço terão sido erguidas em diferentes momentos, sendo que as construções da Antiguidade Tardia utilizariam simples sapatas ou enrocamentos, podendo apoiar-se sobre dispositivos mais antigos, provavelmente alto-imperiais, que assentariam no “chão firme”. Não obstante, há que notar que, numa área delimitada, Joaquim Neves dos Santos identificou também os segmentos de duas estruturas de planta tendencialmente circular, de cronologia mais antiga, provavelmente anterior ao período augustano (Varela & Pires 2019: p. 44). Igualmente relevante é o facto de este mesmo terreno ter proporcionado a recolha de um conjunto significativo de materiais arqueológicos de diferentes épocas. Parte deles, caso de uma sítula de bronze (Varela & Pires 2019: p. 46), ou de um exemplar completo de um almofariz com revestimento vidrado na superfície interna

(Varela 2014), são enquadráveis na Antiguidade Tardia. Esta cronologia é confirmada pela abundância de fragmentos de *sigillatas* claras africanas igualmente recuperados no local, atribuídos ao período compreendido entre a segunda metade do século IV e os meados do V (Almeida & Santos, 1975). Malgrado as suas debilidades metodológicas, a intervenção de Joaquim Neves dos Santos demonstrou que, desde uma época anterior à integração desta região no Império Romano, a presença humana no Monte Castelo de Guifões se espalhou também ao longo da margem ribeirinha do Rio Leça. Com a passagem do tempo, as ocupações ali plasmadas foram sujeitas a alterações, registando-se adaptações a novos modelos e esquemas construtivos.

2. O PROJECTO GUIFARQ

O Projecto GUIFARQ – Projecto de Investigação Arqueológica de Guifões, consiste num Projecto de Investigação Plurianual em Arqueologia (PIPA), cuja implementação remonta a 2016. Institucionalmente enquadrado pelo protocolo de colaboração realizado, num primeiro momento, entre a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Câmara Municipal de Matosinhos, e ao qual viria a juntar-se, já no quadro da sua 2ª edição, em 2019, a APDL – Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo, SA, proprietária do terreno onde se desenvolvem os trabalhos arqueológicos, assume uma missão que o consagra, simultaneamente, à esfera pedagógica, e de investigação científica. Com efeito, constitui, por um lado, espaço de desenvolvimento privilegiado da componente prática da unidade curricular “Práticas de Arqueologia de Campo” (3.º ano da licenciatura em Arqueologia da FLUP) e, por outro, canal de acesso à investigação focada num sítio de relevância ímpar no Noroeste, mas parcamente estudado (Arezes & Varela 2017: p. 128-131).

As problemáticas em torno da cronologia e especificidades da ocupação do Castro são, de facto, amplas, pelo que um dos objetivos prementes na base da elaboração do Projecto visava a obtenção de dados contextualizados e sólidos, passíveis de contribuir para a construção de uma narrativa bem alicerçada a respeito dos tempos e usos cristalizados no sítio (Arezes & Varela 2017: p. 131). Na verdade, e muito embora seja possível afirmar que a presença humana no Castro, iniciada I milénio a.C., se desenrolou no quadro de uma longa diacronia, provavelmente sustentada

e viabilizada pela conjugação de um conjunto de particularidades, nomeadamente de ordem geográfica e topográfica, também é certo que continua por aferrar não apenas se houve ou não hiatos na ocupação (Arezes, 2018: p. 184-189), mas também, em paralelo, se em dado momento apenas parte das áreas por ele abarcadas estavam a ser utilizadas e potenciadas, dando resposta a necessidades concretas das comunidades, com vista, designadamente, à efectivação estratégica do controle do território, como poderá acontecer no âmbito do processo de incastelamento (Barroca 2017: p. 243). Um processo que se iniciou no século X, mas que, no caso de Guifões se encontra atestado, por via das menções na documentação, apenas nas duas centúrias subsequentes (Barroca 2017: p. 207; 234). A Arqueologia, por seu turno, não consegue dar visibilidade aos eventuais vestígios remanescentes da estrutura fortificada medieval erguida no topo da elevação, actualmente descaracterizada, na sequência da já mencionada deposição de aterros e de uma série de transformações que culminaram na construção do Clube de Caçadores de Matosinhos (Arezes & Varela 2017: p. 127; 129).

É na base do sítio, porém, que o Projecto GUIFARQ tem vindo a desenvolver trabalhos arqueológicos, materializados num total de sete campanhas de escavação, a última das quais concluída no final de Maio de 2023 (Fig. 03). Implementados a curta distância do Leça, no terreno comumente designado como Campo da Ponte, provavelmente em razão da proximidade da Ponte Medieval de Guifões, desmornada nas cheias de 1979 (Varela 2010: p. 144), incidem actualmente numa área de 48 m², repartidos por 12 quadrículas. Arroteado nos anos 60, numa acção que colocou a descoberto antigas estruturas, e motivou uma escavação dirigida por Joaquim Neves dos Santos, foi depois, e durante décadas, sujeito à prática agrícola, que deixou marcas indeléveis na estratificação do local. Com efeito, e logo nas primeiras intervenções realizadas no âmbito do Projecto GUIFARQ foram observadas marcas de arado e, mormente nos depósitos patentes a cota mais superficial, evidentes misturas de materiais integráveis em cronologias díspares (Arezes & Varela 2017: p. 132). Tal não invalidou, contudo, que o avanço dos trabalhos conduziu à identificação e registo de múltiplos níveis selados e de um conjunto significativo de alinhamentos erguidos em diferentes períodos (e que, no quadro de processos de reorganização espacial, viriam a ser truncados ou, em alternativa, reapro-

veitados e reutilizados). Em paralelo, proporcionou também a exumação de um vasto conjunto de materiais: vítreos, metálicos e cerâmicos. É, claramente, sobre estes últimos que recai a primazia esmagadora em termos de ocorrências. E são também eles que, em grande medida, nos interpelam a considerar, com maior atenção, quer as dinâmicas de intercâmbio promovidas por via marítima, quer o papel redistributivo potencialmente assumido pelo sítio (Morais, 2013: 112). De facto, e a par das produções locais e regionais, as recolhas de material importado merecem inquestionável destaque. Para a Antiguidade Tardia surgem testemunhadas, na esteira do que havia já sido evidenciado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Joaquim Neves dos Santos (Almeida & Santos 1975), nas *sigillatas* africanas, de fabrico C e D (Hayes, 1972), e ainda por fragmentos de ânfora, entre os quais importa realçar parte de uma de tipo Keay 59, provavelmente oriunda de Bizacena (Bonifay 2004: 481; Arezes 2018: p. 188). Mas é em cronologia mais recuada, concretamente, no período Augustano, que o afluxo de material procedente de outras paragens se mostra verdadeiramente substancial. Refere-se, essencialmente, a contentores de transporte, corporizados em produções itálicas (residuais), lusitanas e, sobretudo, béticas (Arezes 2018: 187; Arezes & Varela 2022: 54). Ainda que algumas, de pastas brandas e claras, procedam da Bética costeira, é essencialmente das oficinas do Vale do Guadalquivir que provém a esmagadora maioria dos fragmentos recuperados, parte importante dos quais deverá pertencer a Haltern 70: uma tipologia que os *tituli picti* atestam ter sido usada na contenção de diversos produtos e que se encontra amplamente presente no registo arqueológico do Noroeste, sobretudo nos níveis com cronologia compreendida entre os finais do século I a.C. e os meados da centúria ulterior (Morais 2004: p. 545; Fabião 1988: p. 180-181). No Campo da Ponte, as maiores concentrações de ânfora surgem mapeadas nos depósitos acumulados a Oeste das estruturas visíveis nas quadrículas 4, 8 e 12, que se alinham no extremo Poente da área de escavação, na faixa mais próxima do Leça. Quantidades e posicionamentos das materialidades a suscitar não apenas uma reflexão, mas também novos estudos, centrados na relação entre o sítio, o rio e o oceano.

Com base no apoio financeiro extraordinário a Projectos de Investigação Plurianual em Arqueologia, concedido pela DGPC em 2021, tornou-se possível

explorar outras possibilidades de investigação, agora numa dimensão transdisciplinar. Considerando as especificidades do Castro e, concretamente, da zona de intervenção, marcada pela proximidade física face ao Leça, foi solicitada à Morph - Geociências a elaboração de um programa de trabalho que permitisse, por um lado, avaliar, através de meios não intrusivos, o potencial arqueológico de parte do terreno do Campo da Ponte ainda por escavar e, por outro, promover o estudo da geomorfologia da área. Uma aposta e orientação essenciais para o conhecimento mais alargado das dinâmicas de ocupação do sítio, que começou desde logo a proporcionar resultados promissores, mas que em contrapartida desvelou a necessidade de diversificar estratégias, incrementar os pontos de acção para diagnóstico e aprofundar / complementar as pesquisas efectuadas.

3. PRIMEIROS TRABALHOS DO PROGRAMA DE RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL

3.1. Justificação e estratégia

A apreciação da distribuição do material arqueológico, nomeadamente anfórico, e das evidências sobre a relação do sítio com o oceano, também documentada por fontes históricas (cfr. *supra*), justificou a implementação de um programa multidisciplinar de trabalhos orientados para a produção de dados para uma reconstituição do ambiente circundante do antigo estuário do Rio Leça, onde se implanta o sítio arqueológico.

A estratégia desta intervenção assume-se como eminentemente transdisciplinar, combinando métodos e tecnologias de diferentes áreas do conhecimento para maximizar a capacidade de exploração do registo arqueo-estratigráfico conservado no local. De igual modo, visa produzir informação convergente para uma análise integrada de arqueo e ecofactos que concorra para reconstruir as condicionantes ambientais da ocupação humana antiga do sítio, num esforço de reconstituição regressiva da geomorfologia fluvial desta várzea.

Neste sentido, realizámos a partir de 2022 um conjunto de trabalhos de terreno combinando detecção remota, prospecção geofísica, ensaios geotécnicos e modelização digital tridimensional, com vista a relacionar as estruturas já postas a descoberto na área de escavação com informação relativa à evolução paleogeográfica e paleoambiental desta zona recuada do estuário do Leça (cujo tramo distal é hoje

ocupado pelo Porto de Leixões) e a sua envolvente, como descrito *supra*, profundamente artificializada por diversas obras realizadas ao longo do século XX.

3.2. Métodos e objectivos específicos

Assim, enquadrada nos trabalhos de Arqueologia do Projecto PIPA GUIFARQ, esta intervenção (cuja fase de terreno não está ainda concluída) realizou já:

- Um esforço de análise de cartografia temática (nomeadamente geológica), assente na interpretação da Carta Geológica de Portugal 1/50.000, folha 9-C: Porto (Costa & Teixeira 1957) para consideração da natureza litológica, características estruturais, neotectónica e condições geomorfológicas do local;
- Um levantamento aerofotogramétrico de baixa altitude com recurso ao UAV de toda a área de interesse, correspondente à actual várzea da zona recuada do estuário do Leça;
- O levantamento topográfico com Laserscan terrestre (TLS) da totalidade das estruturas já expostas pela escavação arqueológica;
- Um polígono de prospecção geofísica por georradar (GPR) com antena de 500Mhz para detecção e mapeamento de outras estruturas na envolvente da escavação arqueológica;
- 3 ensaios de Penetrómetro Dinâmico Ligeiro (PDL) para determinação pontual da espessura e parâmetros mecânicos dos depósitos sedimentares subsuperficiais;
- 9 ensaios de Trado manual (TRD) com recuperação de amostra remexida para observação directa e descrição das características físicas dos depósitos sedimentares da estratificação preservada no local. E, já no laboratório:
- O processamento integrado dos dados topográficos, geofísicos e geotécnicos recolhidos no terreno;
- A produção de um modelo digital tridimensional da área de estudo com base na combinação de nuvens de pontos densas produzidas a partir de varrimentos de laser terrestre e de aerofotogramétricos de baixa altitude (Furukawa & Ponce 2010; Rothermel & Wenzel 2012; Micheletti et al. 2015);
- A integração de todos os resultados geofísicos, geotécnicos e arqueológicos do Projecto neste modelo digital do sítio.

Estes trabalhos tinham como objectivos específicos:

- A determinação da topografia e profundidade do *bedrock*;
- A caracterização dos parâmetros físicos dos depósitos sedimentares, aluviais e coluviais;

- A identificação e mapeamento de estruturas arqueológicas.

3.3. Resultados preliminares

Os resultados obtidos na sequência dos trabalhos descritos respondem às questões que constituíam os objectivos primordiais desta primeira fase do estudo geotécnico e geofísico da envolvente da escavação da zona da base do Castro de Guifões, devendo salientar-se que:

- A realização dos ensaios PDL permitiu aferir a profundidade e topografia do solo residual granítico que, na proximidade imediata da área actual de escavação não ultrapassará o metro de profundidade, verificando-se um aprofundamento significativo no terceiro ensaio, já localizado topograficamente abaixo da área de escavação (Fig. 04);
- A observação directa, embora muito limitada, através de ensaios de trado manual, dos depósitos estratigráficos preservados nas proximidades da área de escavação revela uma provável contribuição de dinâmicas sedimentares de génese aluvial, alternantes com os aportes coluviais que aqui ainda dominam a estratificação, principalmente na sua fracção superior, mais recente;
- Os ensaios de trado manual também demonstraram a presença evidente de um nível contínuo de materiais, provavelmente pétreos, que impediam a progressão dos ensaios em cotas de muito reduzida profundidade (Fig. 05), aparentemente incompatíveis com os dados PDL acerca da profundidade do *bedrock*;
- E, por fim, os resultados da prospecção por georradar viriam a revelar que este nível subsuperficial de materiais impenetráveis pelos ensaios de trado denunciará seguramente a extensão para Sul das estruturas edificadas já expostas pela escavação contígua, na medida em que, nesta zona:
 - a) À profundidade estimada de cerca de 0,60m (=time-slice 14,054ns) foi possível mapear um conjunto de anomalias lineares com cruzamentos e ângulos rectos, aparentemente associadas a uma outra anomalia, com elevado número de reflectores (Fig. 06, a laranja) e, eventualmente, já demasiado larga para indicar um simples muro;
 - b) À profundidade estimada de 1,00m (time-slice 23,611ns), foi ainda observada a continuidade dessas anomalias, agora de forma muito mais expressiva, dadas as suas grandes dimensões, desenvolvimento linear, com disposição paralela entre si e desenhan-

do uma planta ortogonal (Fig. 07) concordante com a orientação das estruturas conhecidas na área escavada, imediatamente contígua.

4. INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em consequência, o estudo geológico e geotécnico realizado no âmbito do Projecto GUIFARQ, mesmo que ainda numa fase muito incipiente, já produziu um conjunto muito relevante de dados para a compreensão do sítio e a orientação dos trabalhos subsequentes de investigação, nomeadamente:

1. A identificação de um conjunto de anomalias lineares, configurando plantas ortogonais e sensivelmente alinhadas com as estruturas arqueológicas já expostas na área de escavação arqueológica adjacente ao polígono de prospecção GPR, que revelam o prolongamento para Sul das estruturas já colocadas a descoberto e, eventualmente, a presença de um caminho estruturado;

2. Na área próxima da escavação arqueológica, a presença (revelada pelos dados GPR e confirmado pelos ensaios PDL) do solo residual granítico a profundidades relativamente escassas, correspondentes a pouco mais de um metro abaixo da superfície actual, para mais seguida de indícios de um desnível abrupto que poderá: (1) colocar as estruturas arqueológicas já conhecidas (e as que agora identificámos através do mapeamento radar) no extremo limite de um relevo estrutural e (2) sustentar a possibilidade de uma muito maior proximidade da margem do Leça a estas estruturas à data da sua utilização antiga; e, por fim:

3. Uma alternância de depósitos estratigráficos aluvionares e coluvionares, observada através dos ensaios de trado manual, que parece confirmar que este terreno terá correspondido a uma zona de transição e limite aluvial num momento em que a margem do Rio Leça estaria muito mais próxima, face à sua posição actual.

Obviamente, até por força do carácter preliminar de desenvolvimento deste programa multidisciplinar e da natureza indirecta e não intrusiva da maioria dos ensaios realizados, estas observações devem, por agora, ser consideradas como meras hipóteses, a confirmar pela prossecução da prospecção geofísica e geotécnica no local, realização de trabalhos arqueológicos intrusivos de *ground-truthing* para confirmação das interpretações enunciadas *supra*

e conclusão do esforço interpretativo de reconstrução paleoambiental e paleogeográfica regressiva desta zona recuada do estuário do Rio Leça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos implementados no Castro de Guifões no âmbito do Projecto GUIFARQ têm vindo a corroborar algumas das observações previamente efectuadas a respeito deste sítio, onde a história das intervenções é já longa, ainda que paradoxalmente lacunar. O facto de as primeiras escavações com metodologia científica recuarem apenas à década de 90 do século XX, aliado a uma produção de estudos de materiais esparsa e pouco sistemática, ainda que inquestionavelmente relevante, contribuiu, necessariamente, para tal circunstância.

É certo que o estado de conhecimentos é actualmente mais sólido mas, em contrapartida, a natureza de vários dados compilados despertou novas questões, e demonstrou a necessidade de explorar outras vias de estudo.

Os primeiros resultados do programa de investigação transdisciplinar acerca da influência da evolução paleogeográfica do sector recuado do estuário do Rio Leça no condicionamento ambiental das opções e estratégias de ocupação do Castro de Guifões, entendida até à base da vertente, no contacto (aparentemente) imediato com a margem de um estuário de configuração provavelmente muito diferente da actual, demonstram o potencial informativo desta abordagem para a compreensão da história do sítio. Os mesmos resultados, por outro lado, revelam à evidência o carácter ainda incipiente desta investigação que, para cumprir o referido potencial, deverá alargar significativamente a sua área de intervenção. Neste sentido, estão já previstos:

- O aproveitamento da época estival, marcada pela redução dos teores de água no solo e abaixamento, ainda que limitado (dada a proximidade quase imediata da linha de costa), do nível freático para realização de um programa mais vasto de ensaios não intrusivos (através de prospecção sísmica de refração e georradar) e intrusivos (PDL e trado manual) na actual planície aluvial envolvente da área de escavação, com vista à produção de informação relevante acerca da geometria dos depósitos aluviais que hoje preenchem o sector recuado do estuário do Leça;

- A realização de uma campanha de prospecção geofísica no topo do Castro do Monte Castelo de Gui-

fões, hoje ocupado pelo Clube de Caçadores, com (1) métodos sísmicos, para indagar da topografia da base rochosa e geometria / potência estratigráfica dos aterros que lhe foram apostos durante o séc. XX, e (2) georradar, para aferir a eventual preservação de estruturas arqueológicas coevas da ocupação em estudo na base da vertente.

Consideramos que a implementação das estratégias evocadas poderá originar a produção de novos dados, passíveis de clarificar algumas das dúvidas actualmente persistentes em torno do sítio, respeitantes, nomeadamente, à forma como as comunidades o foram moldando, transformando e potenciando as suas características intrínsecas, num cenário claramente distinto daquele que é actualmente observável. Em paralelo, poderão também concorrer para desvelar, ainda que de modo parcial, o grau de afectação decorrente das acções intrusivas infligidas sobre níveis e estruturas antigos e, conseqüentemente, contribuir para avaliar a situação efectiva da acrópole, actualmente tão modificada.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira & SANTOS, Joaquim Neves (1975) – Cerâmica Romana, Tardia, de Guifões. *Archaeologica Opuscula: Miscelanea de Arqueologia Nortenha*, Vol. 1, Fasc. 1. Porto: Livraria Ferreira Machado, pp. 49-56.

AREZES, Andreia (2019) – Castro de Guifões: evidências de uma ocupação diacrónica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 22, pp. 183-191.

AREZES, Andreia & VARELA, José (2017) – Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados preliminares de um Projecto de Investigação. In ARNAUD, J. Morais; MARTINS, Andrea, eds. – *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017 – O Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 125-136.

AREZES, Andreia; VARELA, José (2022) – *Relatório de progresso anual: GUIFARQ II – Projecto de Investigação Arqueológica de Guifões: Castro do Monte Castelo de Guifões (Matosinhos) – Campanha de 2021, Porto – 13 de Abril de 2022*. Porto: texto policopiado.

BARROCA, Mário Jorge (2017) – *Prope litore maris*: o sistema defensivo da oral litoral da Diocese do Porto (séc. IX a XII). In AMARAL, Luís C., ed. – *Um poder entre poderes nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto*. Porto: CEHR, Faculdade de Teologia da Universidade Católica, pp. 197-243.

BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: BAR International Series, 1301

CARVALHO, António Galopim & RIBEIRO, António (1962) – Geologia dos depósitos Pós-Wurmianos da Foz do Leça.

Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências, nº 9 (1). Lisboa: Faculdade de Ciências de Lisboa, pp. 53-74.

COSTA, Patrícia & CLETO, Joel (2008) – O Sal do Esquecimento: salinas e comercialização de salgados na Foz do Rio Leça. In *A articulação do sal português aos circuitos mundiais: antigos e novos do convento*. Porto: Instituto de História Moderna – Universidade do Porto, pp. 65-78.

COSTA, J. & TEIXEIRA, C. (1957) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 9-C (Porto)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal Lisboa.

FABIÃO, Carlos (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 169-198.

FURUKAWA, Yasutaka & PONCE, Jean (2010) – Accurate, Dense, and Robust Multiview Stereopsis. In *IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence*, 32, no. 8, pp. 1362-1376.

HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.

MICHELETTI, Natan, CHANDLER, Jim H. & LANE, Stuart N. (2014) – Investigating the geomorphological potential of freely available and accessible structure-from-motion photogrammetry using a smartphone. *Earth Surface Processes and Landforms*, 40(4), pp. 473-486.

MICHELETTI, Natan, CHANDLER, Jim H. & LANE, Stuart N. (2015) – Structure from Motion (SfM) Photogrammetry. In Clarke, L. E. & Nield, J. M., eds. *Geomorphological Techniques (Online Edition)*, 2. London: British Society for Geomorphology, pp. 1-12.

MORAIS, Rui (2004) – Bracara Augusta: um pequeno “testaccio” de ânforas Haltern 70: considerações e problemáticas de estudo. In *Figlinae Baeticae: talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.): actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford. BAR, International Series. 1266, pp. 545-565.

MORAIS, Rui (2013) – Durius e Leça: dois percursos de um mesmo itinerário – problemáticas em torno das ânforas Haltern 70. *Portugalia*. Nova série. 34, pp. 101-136.

ROTHERMEL, Mathias, WENZEL, Konrad, FRITSCH, Dieter & HAALA, Norbert (2012) – *SURE – Photogrammetric Surface Reconstruction from Imagery*. Proceedings LC3D Workshop, pp. 1-9.

SANTOS, Joaquim Neves (1955) – *Castrum Quifionnes: Notas arqueológicas, históricas e etnográficas*, 1. Matosinhos: Edição do Autor.

SANTOS, Joaquim Neves (1963a) – *Coberturas vitrificadas em louça doméstica do Castro de Guifões*. Separata de Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia. *Lucerna*, vol. III. Porto.

SANTOS, Joaquim Neves (1963b) – *Serpentes geminadas em suástica e figuras serpentiformes do Castro de Guifões*. Se-

parata de Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia. *Lucerna*, vol. III, Porto.

SANTOS, Joaquim Neves dos (1995/1996) – Sobre uma sítula do Castro de Guifões. *Matesinus*. Matosinhos. 1/2, pp. 20-22.

SOARES, Laura, ARAÚJO, Maria Assunção & GOMES, Alberto (2010) – Contexto geográfico do território do Leça. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Rio Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 11-31.

VARELA, Jose Manuel (2010) – Monte Castelo, Guifões, Matosinhos. In *O Rio da Memória: Arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 108-111; 142-145.

VARELA, José Manuel (2013) – O sítio do Monte Castelo (Guifões, Matosinhos), o Rio Leça e as navegações na antiguidade. *Al-Madan*, II série, nº18. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 75-81.

VARELA, José & MORAIS, Rui (2014) – Alfarizes tardios com revestimento vidrado interior do sítio do Monte Castelo (Guifões, Matosinhos), in MORAIS, R., FERNANDÉZ, A. & SOUSA, M. J. eds. *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*, 2, Monografias Ex-Officina Hispana. Porto: SECAH – FLUP.

VARELA, José Manuel & PIRES, Conceição (2019) – *Memórias do Monte Castelo: Centenário do nascimento de Joaquim Neves dos Santos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.

TEIXEIRA, Ricardo (2010) – Idade Média: Dados e perspectivas arqueológicas sobre o território do Leça no período medieval (Sécs. IX – XIV), *Rio da Memória: Arqueologia no território do Rio Leça*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 199-232.

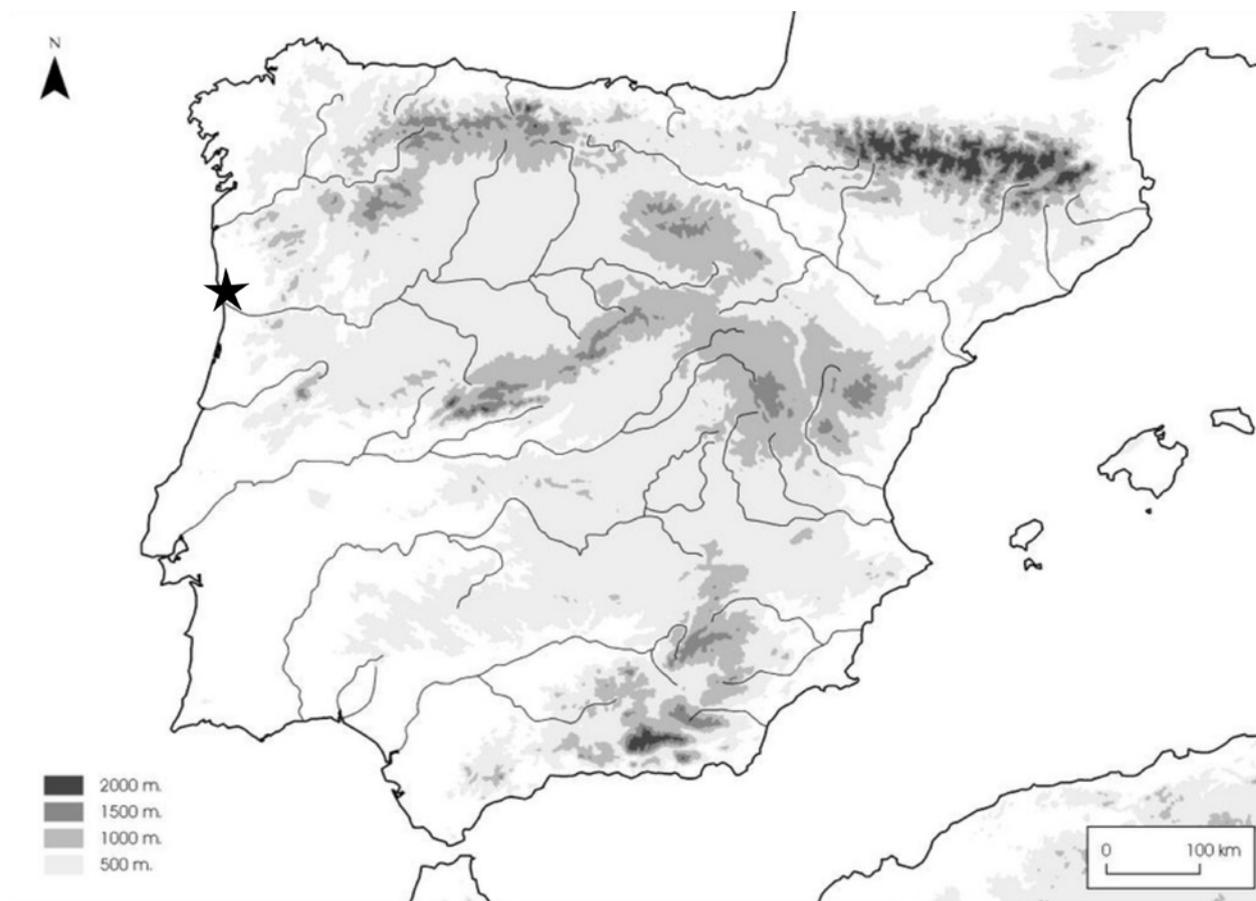


Figura 1 – Localização do Castro do Monte Castelo de Guifões (Matosinhos) na Península Ibérica.

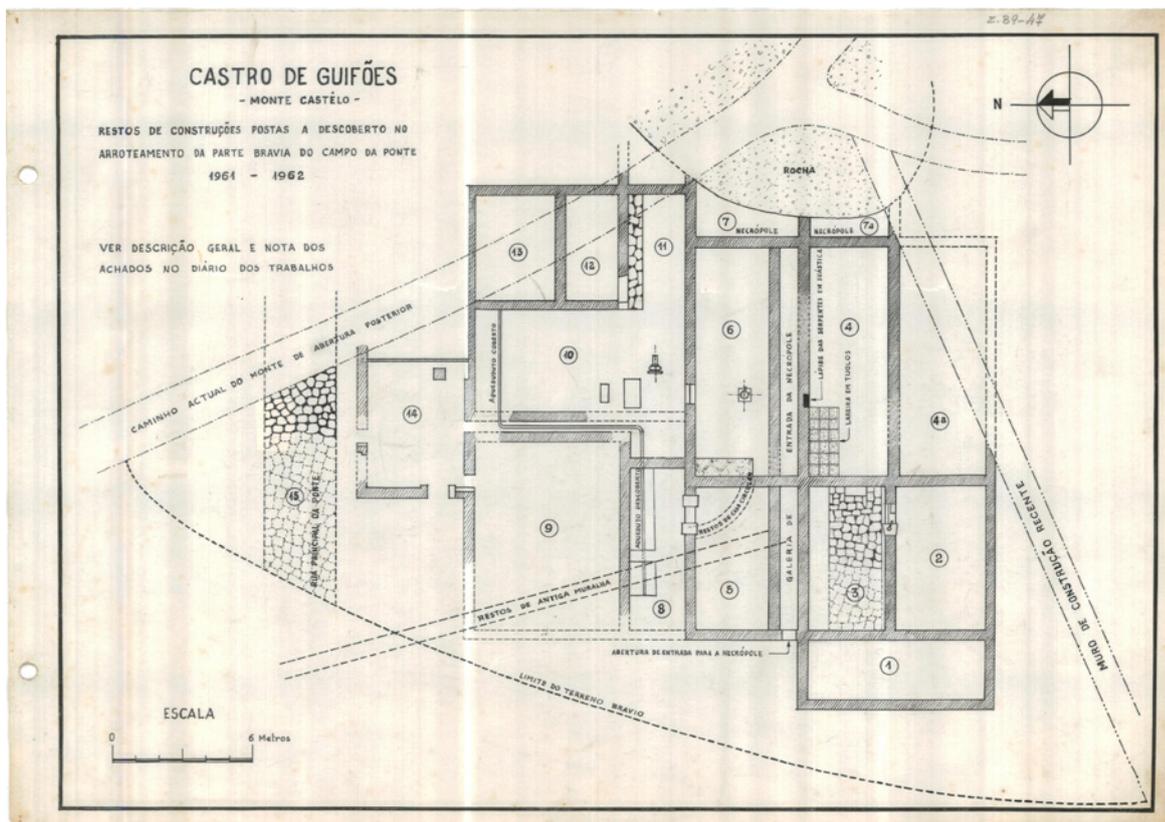


Figura 2 – Planta das estruturas arqueológicas escavadas no Campo da Ponte em 1961-1962, desenhada por Joaquim Neves dos Santos. A parcela representada é contígua ao limite Norte da área que se encontra em processo de escavação no âmbito do projecto GUIFARQ.



Figura 3 – Perspectiva da área de escavação do Projecto GUIFARQ no final da campanha de escavação de 2023.

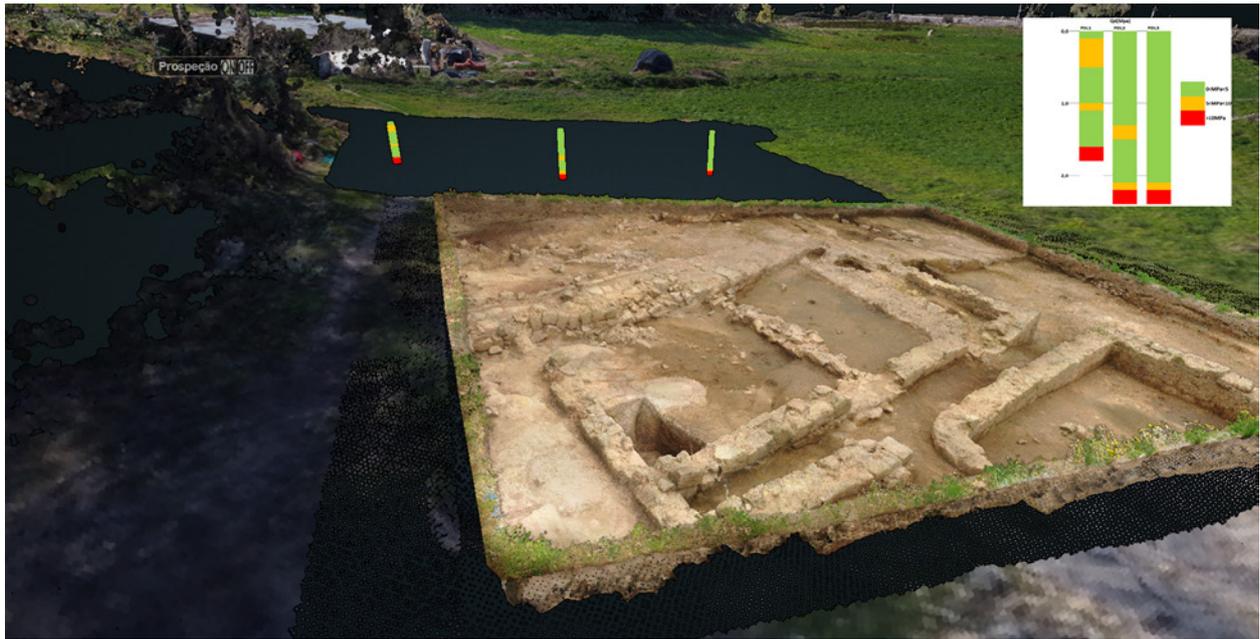


Figura 4 - Representação georreferenciada dos perfis dos ensaios a PDL (CloudCompare v.2.12).



Figura 5 - Representação tridimensional georreferenciada dos logs dos ensaios de trado manual (CloudCompare v.2.12).

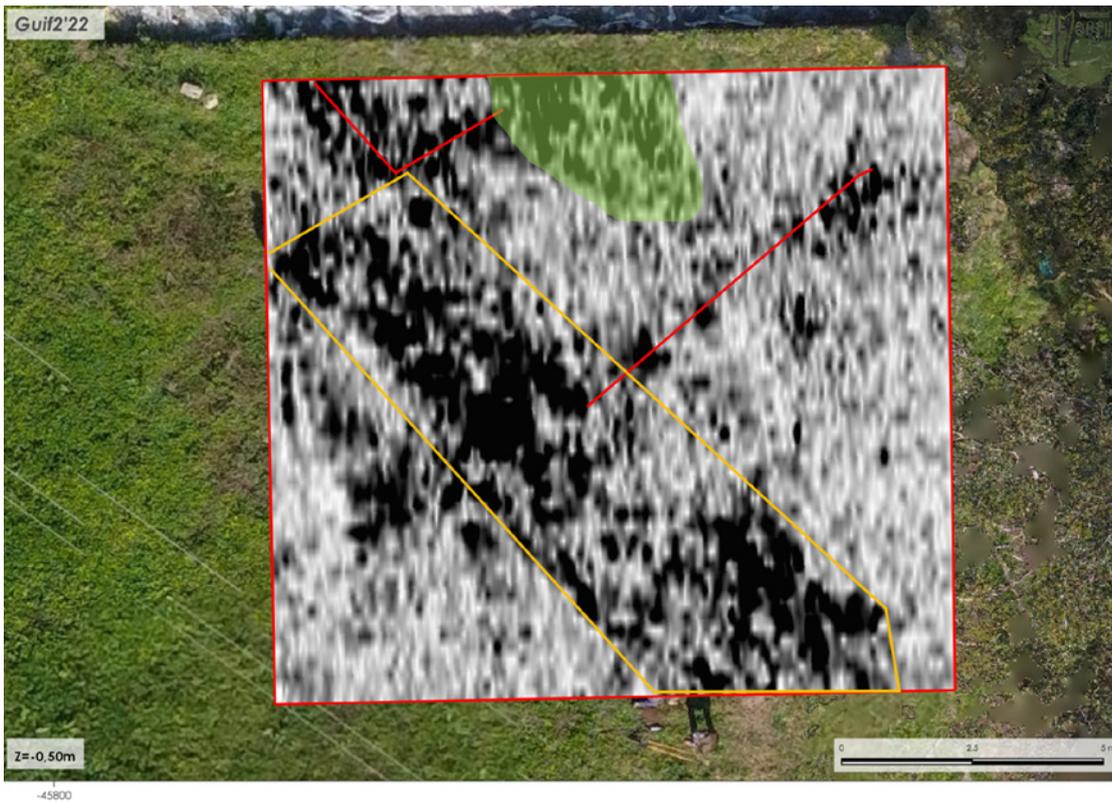


Figura 6 – Time-slice 14,054 ns (profundidade estimada = 0,6m) sobre ortofotomapa local (QGIS v.3.26.1 “Buenos Aires”).

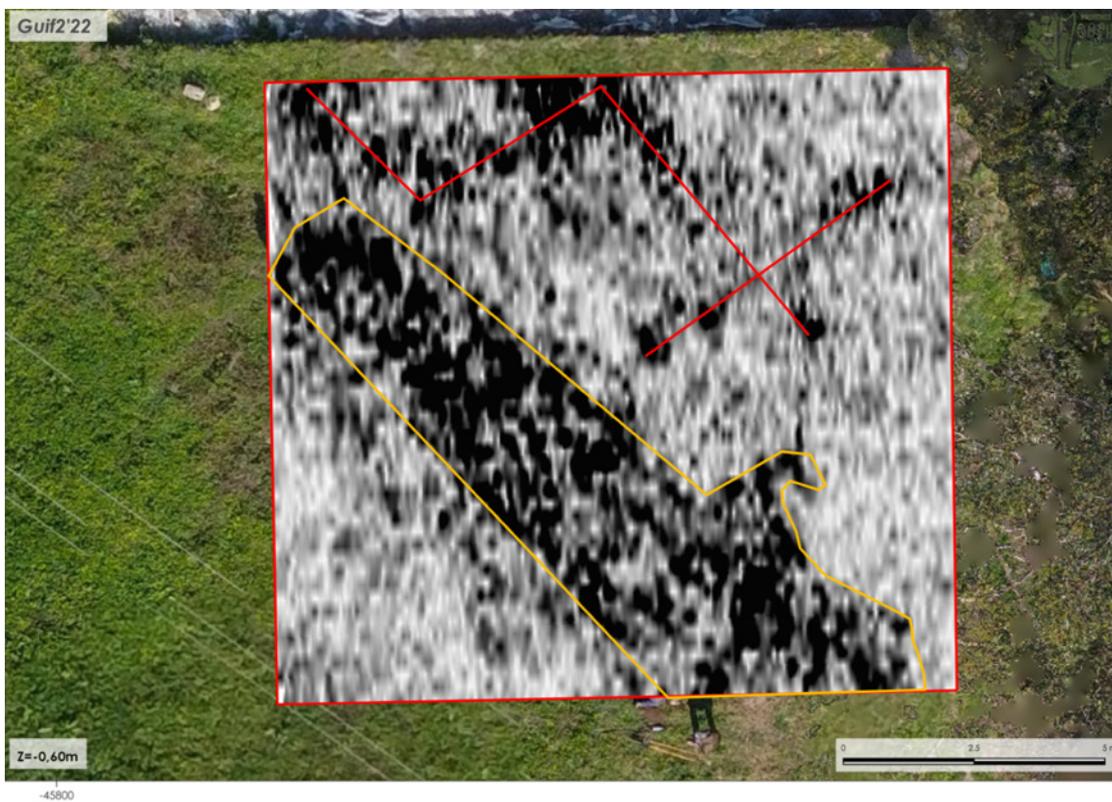


Figura 7 – Time-slice 23,611ns (profundidade estimada = 1,00m) sobre ortofotomapa local (QGIS v.3.26.1 “Buenos Aires”).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1290

**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA**


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
E MUSEOLÓGICO
DEBAA - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra


**Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**